

Contos de
Vergílio Ferreira

FADO CORRIDO

A mãe andava pelas ruas da cidade com as faces e os lábios de um vermelho de zarcão, flores de papel presas ao cabelo, estendendo os braços para os homens e dizendo «meu amor, ó meu amor». Os polícias sorriam da louca intervalarmente ao dever de policiarem, as pessoas riam e iam andando, toda a gente ria, à excepção dos homens muito graves que ficavam ainda mais graves e de outros homens que não eram graves e encolhiam os ombros e tinham dó. Mas dos homens que riam, alguns não riam quando encontravam a doida com os ataques escabujando nas bermas dos caminhos.

Vinham filas de magalas, estivadores, vadios, bêbedos da meia-noite, moços pobres que abriam para homens como iam podendo e ela ia largando filhos pelas bermas dos caminhos como quem vai perdendo as coisas de um bolso roto, as faces sempre borradas e os braços estendidos para os homens graves e para os filhos da ralé, dizendo «meu amor, ó meu amor», outras vezes que ia casar com um rapaz bonito a chegar do Brasil, enquanto os polícias riam complacentes, a menos que ela ficasse para ali a disparatar porque então davam-lhe dois berros e ela seguia cantando ou falando sozinha ou ainda irritando os senhores graves que passavam.

Um dia, um velho pescador encontrou-a morta com uma criança berrando, comunicou à esquadra, enterraram a mulher e criou ele o pequeno por um dinheirão com farinha e leite, empregando muito cedo o vinho e a batata que ficavam bastante mais em conta e encoiravam melhor. O garoto saiu com o velho para o mar e aos cinco anos já podia conduzi-lo a casa se ele se demorasse nas tabernas depois de vender o peixe que lhe cabia. Aprendeu a bisca e palavrões para as necessidades quotidianas, foi preso várias vezes por roubar fruta na praça, começava a conhecer os segredos do mar e talvez por isso uma tarde que o velho dormia na areia depois da lota e de três litradas de vinho, o garoto partiu com outro, voltando só alguns dias depois e apanhando um arraial que lhe deixou o corpo negro. O velho trouxe-o de olho muito tempo, e uma vez que a polícia tornou a prendê-lo na praça, foi ele próprio à esquadra ajudar a surrar o pequeno. Em todo o caso, tornava-se difícil dominá-lo, porque o álcool punha o velho fora de jogo muito cedo e então o garoto tinha o resto do dia por conta. Aos dez anos tudo se simplificara porque o velho, quando uma vez ia vender o peixe ao campo, caiu num valado e ao acordar do vinho teve de esperar que o levassem para a cama com as pernas partidas. Como estava para ali sem dinheiro para vinho e tabaco, atirava todas as noites com o banco ao rapaz se ele não trouxesse o caneco a verter escorralhas de carrascão e o bolso cheio de pontas de cigarros. O pequeno andava pelas tabernas pedindo os restos dos copos e circulava

por entre as mesas dos cafés caçando vorazmente as beatas, resistindo aos pontapés da criadagem. Fora preciso um treino duro, pôr-se à porta, medir o adiantamento dos cigarros que os homens fumavam, ver onde caíam as pontas e atirar-se quando os criados viravam costas.

Seria fácil ensacar até dois bolsos de piriscas se outros garotos mais graúdos o não corressem à chulipa para governo próprio. Uma vez aconteceu-lhe provar um charuto que um homem gordo atirara quase inteiro, e desde então foi sempre impossível encher o bolso e evitar que o velho arremessasse o banco e espumasse de raiva.

E sendo isto assim, com a falta do tabaco e vinho necessário, o velho encolheu os ombros e morreu. Vieram velhos pescadores, levaram-no, fizeram-lhe o caixão, e após o enterro o dono da casa fechou a porta e levou a chave depois de ter aproveitado ainda uns restos de rede, uma cana de leme e um retalho de vela que servia de cobertura. O garoto dormiu essa noite num barco do cais e, porque todos o conheciam, deixaram-no ir para o mar alto e procuraram mesmo ligá-lo ao ofício, pondo-o a puxar à rede, a abanar aos fogareiros ou metendo-lhe um balde nas mãos. Se bem que fosse ganhando alguma coisa, aquilo chateava-o e ficou-se pelo cais, malandrando com outros camaradas, dormindo nos barracões abandonados.

Um dia adoeceu de certa doença que lhe deu muita importância e já vinha, aliás, um pouco tarde, segundo o parecer de alguns camaradas. Esteve meses no hospital, aprendeu o nome de certos remédios, engordou três quilos e duzentos e quando voltou para o cais conhecia muitos homens que tinham ido ao curativo. Depois foi moço de fretes, engraxador, criado de uma casa de mulheres a vinte paus a bandeirada, e finalmente conseguiu uma farda com botões amarelos num hotel. E, ou fosse pelo gosto da farda ou pelo desejo de conhecer outras terras, um dia conseguiu entrar numa companhia de circo, desenrolando tapetes, esticando os arames dos acrobatas. Andou pelo Alentejo e pela Beira, foi ao Minho, fez épocas de Verão pelas praias, mas um dia o dono do circo, que era um tipo gordo, correu com ele aos pontapés por tê-lo apanhado com a mulher, que por sinal não desgostava de outros elementos da companhia, conquanto mantivesse uma afeição especial pelo ginasta do trapézio. Tirou um bilhete de terceira e veio para Lisboa. Lisboa era bela, tinha um cais, barcos de longe com gentes falando outras línguas, tinha a Alfama e a Mouraria. Passeou até às três da madrugada, mas depois não se aguentou mais e atirou-se para um banco da Avenida, de modo que só passados alguns dias pôde voltar para a rua por ter sido preso como vadio.

Como tinha sido já moço de fretes, pareceu-lhe útil arranjar uma boina com uma chapa e um número, se bem que, atendendo ao seu passado, aquilo fosse um

pouco triste. Alombava o dia inteiro com malas de chumbo, mas de qualquer modo ia ganhando bem, sobretudo quando os fregueses não tinham jeito para regatear.

Porém um dia não aguentou a presença de um barco do Sul e pediu que lhe pusessem caixotes às costas para voltar à terra. Foi, mas regressou logo, com mais sorte que da outra vez, porquanto pôde aprender com um faia como se podia viver sem carregos ao lombo, limpando carteiras nos apertões dos eléctricos e dos campos de futebol, que eram lugares mais seguros para principiantes. Comprou um fato novo, sapatos e chapéu, tirava cigarros de um estojo de prata, pôs mulher por conta e viajou muito pela linha do Norte com uma pequena mala de mão. A certa altura, porém, depois de ter saído quatro vezes do Torel, o seu retrato começou a aparecer com insistência nos jornais e, se bem que a mulher gostasse de mostrar o papel aos vizinhos, ele deixou muito depressa de se envaidecer com isso porque era uma chatice ter de mudar de roupa bastas vezes, de pôr e tirar o bigode e de não seguir sempre o caminho mais curto para qualquer sítio, especialmente quando o sítio era a casa. A mulher acabou por se fartar das longas ausências e um dia descuidou-se com o marinheiro que arranjara, de modo que o seu retrato acompanhou uma longa crónica de um assassinato e o assalto à ourivesaria teve de ser adiado para outra noite. um pouco quebrado, ainda teve uns longes de saudade, afirmando que gostaria de voltar à sua terra e aí viver em descanso o resto dos seus dias, mas mataram-no antes disso numa bulha de facas em Alfama.

A PALAVRA MÁGICA

Nunca o Silvestre tinha tido uma pega com ninguém. Se às vezes guerreava, com palavras azedas para cá e para lá, era apenas com os fundos da própria consciência. Viúvo, sem filhos, dono de umas leiras herdadas, o que mais parecia inquietá-lo era a maneira de alijar bem depressa os dinheiros das rendas. Semeava tão facilmente as economias, que ninguém via naquilo um sintoma de pena ou de justiça — mesmo da velha —, mas apenas um desejo urgente de comodidade. Dar aliviava. Pregavam-lhe que o Paulino ia logo de casa dele derretê-lo em vinho, que o Carmelo não comprava nada livros ou cadernos ao filho, que andava na instrução primária. Silvestre encolhia os ombros, não tinha nada com isso. As moedas rolavam-lhe para dentro da algibeira e com o mesmo impulso fatal rolavam para fora, deixando-lhe, no sítio, a paz.

Ora um domingo, o Silvestre ensarilhou-se, sem querer, numa disputa colérica com o Ramos da loja. Fora o caso que ao falar-se, no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa:

— Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão?

— Homem! — clamava o Silvestre, de mão pacífica no ar. — Calma aí, se faz favor. Falei por falar.

—E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça. Assim, também eu.

— Faça o que posso — desabafou o outro.

—E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre diabo, Silvestre. Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. Anda no mundo por ver andar os outros. Quem é você, Silvestre amigo? Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é.

Silvestre já se dispusera a ouvir tudo com resignação. Mas, à palavra «inócuo», estranha ao seu ouvido montanhês, tremeu. E à cautela, não o codilhassem por parvo, disse:

— *Inoque* será você.

Também o Ramos não via o fundo ao significado de «inócuo». Topara por acaso a palavra, num diálogo aceso de folhetim, e gostara logo dela, por aquele sabor redondo a moca grossa de ferros, cravada de puas. Dois homens que assistiam ao

barulho partiram logo dali, com o vocábulo ainda quente da refrega, a comunicá-lo à freguesia:

— Chamou-lhe tudo, o patife. Só porque o pobre entendia que a jorna de um homem é fraca. Que era um paz-de-alma. E um *inoque*.

— Que é isso de *inoque*?

— Coisa boa não é. queria ele dizer na sua que o Silvestre não trabalhava, que era um lombeiro, um vadio.

Como nesse dia, que era domingo, Paulino entrara em casa com a bebedeira do seu descanso, a mulher praguejou, como estava previsto, e cobriu o homem de insultos como não estava inteiramente previsto:

— Seu bêbedo ordinário. Seu *inoque* reles.

Quando a palavra caiu da boca da mulher, vinha já tinta de carrascão. E desde aí, *inoque* significou, como é de ver, vadio e bêbedo.

Ora tempos depois apareceu na aldeia um sujeito de gabardina, a vender drogas para todas as moléstias dos pobres. Pedra de queimar carbúnculos, unguentos de encoirar, solda para costelas quebradas. Vendeu todo o sortido. Mas logo às primeiras experiências, as drogas falharam. Houve pois necessidade de marcar a ferro aquela roubalheira de gabardina e unhas polidas. E como o vocabulário dos pobres era curto, alguém se lembrou da palavra milagrosa do Ramos. Pelo que, *inoque* significou trampolineiro ou ladrão dos finos.

Como, porém, as desgraças e a cólera do povo pediam cada dia termos novos para se exprimirem, «inócuo» foi inchando de mais significações. Quando o Rainha deu um tiro de caçadeira, num dia de arraial, ao homem da amante, chamaram-lhe, evidentemente, *inoque*, por ser um devasso e um assassino de caçadeira. Daí que fosse fácil meter também no *inoque* o assassino de faca e a cróia de porta aberta.

«Inócuo» dera volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população. A moca grossa de ferro, seteada de puas, era agora uma arma terrível, quase desleal, que só se usava quando se tinha despejado já toda a cartucheira de insultos. Até que o Perdigão dos Cabritos entrou pela ponte norte da aldeia, com o cavalo carregado de reses, num dia de feira, e se azedou com o taberneiro, quando trocava um borrego por vinho. De olhos chamejantes, perdido, já no quente da refrega, o taberneiro atirou-lhe o verbo da maldição. Houve quem achasse desmedida a vingança do homem. Perdigão arreou:

— *Inoque* será você.

Também ele não sabia que veneno tinham despejado na palavra; mas, pelo sim pelo não, aliviou. E pela tarde, enfardelou o termo infame com as peles da matança, e abalou com ele pela ponte sul. Longos meses a palavra maldita andou por

lá a descarregar o ódio das gentes. Até que um dia voltou a entrar na aldeia, não já pela ponte sul que dava para a Vila, mas pela ponte norte que levava a terras sem nome. Vinha em farrapos, na boca de um caldeireiro, mais estropiada, coberta de baba de todos os rancores e de todos os crimes. Quando deitava um pingo num caneco de folha, o caldeireiro pegou-se de razões com o freguês. O dono do caneco correu uma mão amiga pelas costas do vaga-bundo:

— Lá ver isso, velhinho. O combinado foram cinco tostões.

— Não me faça festas que eu não sou mulher, seu *noque* reles.

E «inócuo» significou um nome feio para um homem. Então o ajudante, ou o que era, do caldeireiro, tentou deitar água na fogueira.

— Cale-se também você, seu *noque* ordinário. A mim não me mata você à fome como fez a seu pai.

Porque «inócuo» também queria dizer parricida. Então o Ramos, que passava perto, tomou a palavra excomungada nas mãos e pediu ao velho que a abrisse, para ver tudo o que já tinha dentro. Um cheiro pútrido a fezes, a pus, a vinagre, alastrou pelo espanto de todos em redor. Com os dedos da memória, o caldeireiro foi tirando do ventre do vocábulo restos de velhos significados, maldições, ódios, desesperos. «Inócuo» era «bêbedo», «ladrão», «incendiário», «pederasta», e, uma que outra vez, um desabafo ligeiro como «poça» ou «bolas». Para o calão da gente fina, que topara a pala-via na cozinha, nos trabalhos do campo, soube-se um dia que significava ainda «escroque», *souteneur*, e mais.

A aldeia em peso tremeu. Era possível a qualquer apanhar com o palavrão na cara e ficar coberto de peste. Eis porém que uma vez o filho do Gomes, que andava no colégio da Vila, insultado de *inoque* por um colega, numa partida de bilhar, lembrou-se à noite de ver no dicionário a fundura vernácula da ofensa. Procurou *inoque*. Não vinha. Procurou *noque*. Também não vinha. Furioso, buscou à toa, *quinoque*, *moque*, *soque*.

Nada. Quando a mãe o procurou, para ver se estudava, encontrou-o às marradas no dicionário. Choroso, o rapaz declarou:

-O meu *pagnon* chamou-me *inoque*, mãe. Queria saber o que era. Mas não vem no dicionário.

— Não vejas! — clamou a mulher, de braços no ar.

— Deixa lá! Não te importes!

— Mas que quer dizer?

— Coisas ruins, meu filho. Herege, homem sem religião e mais coisas más.

Não vejas!

Começaram então a aparecer as primeiras queixas no tribunal da Vila, contra a injúria de *noque*, *inoque* e finalmente de «inócuo», consoante a instrução de cada um. Como a palavra estropiada era um termo bárbaro nos seus ouvidos cultos, o juiz pedia a versão da injúria em linguagem correcta, sendo essa versão que instruíra os autos.

— Chamou-me *noque*.

— Absolutamente. Mas que queria ele dizer na sua?

— Pois queria dizer que eu era ladrão.

E escrevia-se «ladrão». Pelo mesmo motivo, gravava-se a ofensa, de outras vezes, nos termos de «assassino», «devasso», ou «bêbedo».

Ora um dia foi o próprio Bernardino da Fábrica que moveu um processo ao guarda-livros pela injúria de «inócuo». Metida a questão nos trilhos legais, o Bernardino procurou o juiz, para ver se podia ajustar, previamente, uma bordoadada firme no agressor. Mas aí, o juiz atirou uma palmada à coxa curta, clamou:

- Homem! Agora entendo eu. *Noque* era «inócuo»!

E admitindo que o vocábulo contivesse um veneno insuspeito, pegou num dicionário recente, o último modelo de ortografia e significados. Então pasmou de assombro, perante o escuro mistério que carregara de pólvora o termo mais benigno da língua: «inócuo» significava apenas «que não faz dano, inofensivo». E pôs o dicionário aberto diante da ofensa de Bernardino. O industrial carregou a luneta, e longo tempo, colérico, exigiu do livro insultos que lá não estavam.

— Nada feito — repetia o juiz. - O homem chamou-lhe, correctamente, «pessoa incapaz de fazer mal a alguém».

—Mas há a intenção — opôs o advogado, mais tarde, quando se voltou ao assunto. — Há o sentido que toda a gente liga à palavra.

— Nada feito — insistia o juiz. — «Inócuo» é «inofensivo», até nova ordem.

Então o advogado desabafou. Também ele sabia, como toda a gente culta, que «inócuo» era um pobre diabo de um termo que não fazia mal a ninguém. Sabia-o, com um saber analítico, desde as aulas de Latim do seu Padre Mestre. Mas não ignorava também que o ódio humano nem sempre conseguia razões para se justificar. E nesse caso, qualquer palavra, mesmo inofensiva, era um pendão desfraldado no pau alto da vingança. Bernardino fora ofendido. Mas podia amanhã querer ofender e as razões serem curtas para o seu rancor. Uma palavra informe, soprada de todos os furores, seria então a melhor arma. Despir o mastro, da bandeira, seria desnudar-se na dureza bárbara do pau. «Inócuo» era uma maravilha para a última defesa da racionalidade humana, pelos ocos esconderijos onde podiam ocultar-se todos os rancores e maldições. «Inócuo» era um benefício social. Não havia que emendar-se a vida pelo dicionário. Havia que forçar-se o dicionário a meter a vida na pele.

— Cultive-se o «inócuo». Salvemo-lo, para nos salvarmos.

Desgraçadamente, porém, os receios do advogado eram vãos. A vida, de facto, emendara o dicionário. Como bola de neve, «inócuo» rolara do ódio alto dos homens e longo tempo levaria a derreter ao calor da compreensão e da justiça. Foi assim que o filho do Gomes, depois de ter encontrado a correspondência vernácula da injúria do *pagnon*, tentou reabilitar a palavra excomungada. Esbaforido, foi com o dicionário aberto no sítio maldito, da mãe para o pai, do pai para os amigos. Mas ninguém o entendeu. *Noque* ou «inócuo» era um anátema verde de pus.

—Que importa o que dizem? — clamou o heroísmo do rapaz. — Podem chamar-se *inoque* ou «inócuo», que não ligo. Agora sei o que quer dizer.

Dias depois, porém, um colega precisou de o insultar, e arremessou-lhe outra vez com o termo nefando. Toda a gente conhecia já a opinião do dicionário. Mas o furor era sempre mais forte do que um simples livro impresso.

Pelo que, nessa noite, o filho do Gomes não dormiu, preocupado apenas com descobrir uma maneira profícua de sovar bem o colega, para uma desforra integral.

A ESTRELA

Um dia, à meia-noite, ele viu-a. Era a estrela mais gira do céu, muito viva, e a essa hora passava mesmo por cima da torre. Como é que a não tinham roubado? Ele próprio, Pedro, que era um miúdo, se a quisesse empalmar, era só deitar-lhe a mão. Na realidade, não sabia bem para quê. Era bonita, no céu preto, gostava de a ter. Talvez depois a pusesse no quarto, talvez a trouxesse ao peito. E daí, se calhar, talvez a viesse a dar à mãe para enfeitar o cabelo... Devia-lhe ficar bem, no cabelo.

De modo que, nessa noite, não aguentou. Meteu-se na cama como todos os dias, a mãe levou a luz, mas ele não dormiu. Foi difícil, porque o sono tinha muita força. Teve mesmo de se sentar na cama, sacudir a cabeça muitas vezes a dizer-lhe que não. E quando calculou que o pai e a mãe já dormiam, abriu a janela devagar e saltou para a rua. A janela era baixa. Mas mesmo que não fosse. Com sete anos, ele estava treinado a subir às oliveiras quando era o tempo dos ninhos, para ver os ovos ou aqueles bichos pelados, bem feios, com o bico enorme, muito aberto. E se não erao tempo dos ninhos, andava à solta pela serra, saltava os barrancos e jogava mesmo, quando preciso, à porrada como um homem. Assimque se viuna rua, desatou a correr pela aldeia fora até à torre, porque o medo vinha a correr também atrás dele. Mas como ia descalço, ele corria mais. A igreja ficava no cimo da aldeia e a aldeia ficava no cimo de um monte. De modo que era tudo a subir. Mas conseguiu - e agora estava ali. Olhou a estrela para ganhar coragem, ela brilhava, muitoquieta, como se estivesse à sua espera. E de repente lembrou-se: se a porta estivesse fechada? Levantou-se logo, foiver. A torre era muito alta e tinha uma porta para a rua. Pedra empurrou-a um pouco e viu que estava aberta. Ficou muito admirado, mas depois nem por isso. Ninguém ia roubar os sinos que mesmo eram muito pesados. E quanto às estrelas, se calhar ninguém se lembrava de que era fácil empalmá-las. E tão contente ficou de a porta estar aberta, que só depois se lembrou de a ter ouvido ranger. E então assustou-se. Voltou a experimentar e rangeu outra vez. Rangia pouco, mas o silêncio era muito e parecia por isso que também a porta rangia muito. E teve medo. Reparou mesmo que estava a suar e não devia ser da corrida, porque este suor era frio. A porta ficara já deslocada e agora era só encolher-se um pouco e passar. Mas sem tocar na porta, para não ranger. Meteu-se de lado e entrou. Havia um grande escuro lá dentro. Já calculava isso, mas as coisas são muito diferentes de quando só se calculam. E cheirava lá a ratos, a cera, às coisas velhas que apodrecem na sombra. Como estava escuro, pôs-se a andar às apalpadelas. Mas as pedras frias assustaram-no. Lembravam-lhe mortos ou coisas assim. Já com os pés não se assustava tanto, porque o frio que entrava por aí era só frio da falta de botas. Até que pisou o primeiro

degrau e começou a subir. Cheirava mal que se fartava. Mas, à medida que ia subindo, vinha lá de cima um fresco que aclarava o cheiro. À última volta da escada em caracol, olhou ao alto o céu negro, muito liso. Via algumas estrelas, mas era tudo estrelas velhas e fora de mão. Até que chegou ao campanário e respirou fundo. Aproveitou mesmo para puxar as calças que estavam a cair. Eram dois sinos e uma sineta. E de um dos lados havia só um buraco vazio sem sino nenhum. Agora tinha de subir por uma escadinha estreita que começava ao lado; e depois ainda por uma outra de ferro, ao ar livre, e com o adro lá em baixo. Mas quando chegou à de ferro, não olhou. Deu foi uma olhadela à estrela, que já se via muito bem. Todavia, quando a escada acabou, reparou que lhe não chegava ainda com a mão. Tinha pois de subir o resto de gatas, dobrando e desdobrando as pernas como uma rã. Mesmo no cimo da tal torre havia uma bola de pedra e enterrado na bola havia um ferro e ao cimo do ferro estava um galo com os quatro pontos cardeais. Pedro segurou-se ao varão e viu que tinha ainda de subir até se pôr mesmo em cima do galo. Subiu devagar, que aquilo tremia muito, e empoleirou-se por fim nos ferros cruzados dos quatro ventos. Enroscando as pernas no varão, tinha agora os braços livres. E então ergueu a mão devagar. Os ferros balançavam, mas ele nem olhava lá para baixo. Fez força ainda nas pernas, apoiou-se na mão esquerda e com a outra, finalmente, despegou a estrela. Não estava muito pregada e saiu logo. Entalou-a então no cordel das calças, porque não tinha bolsos, e começou a descer. A chatice era se lhe caía e se partia lá em baixo. Mas não a levando entalada, só se a levasse nos dentes, o que podia dar em resultado parti-la à mesma. Porque precisava dos dentes para fazer força nos sítios mais difíceis. Em todo o caso, com jeito, lá conseguiu. E assim que pôs pé em terra, largou para casa, mas não muito depressa. Apetecia-lhe mesmo parar de vez em quando e olhar a estrela com uma atenção especial. Era formidável. Lembrava um pirilampo, mas muito maior. Oh, muito maior. E de outro feitio, já se vê. A certa altura, voltou-se para trás e olhou ao alto o sítio donde a despegara, como se para ver se realmente já lá não estava. E não. O que lá estava agora era um buraco escuro, por sinal bem feio. Lembrava-lhe a boca dele quando lhe caiu um dente, mas não sabia bem porquê. Quando por fim chegou a casa, trepou à janela que deixara aberta e meteu-se na cama. Esteve ainda algum tempo com a estrela na mão, mas não muito, porque já não podia mais, arrombado de sono. De modo que guardou a estrela numa caixa e adormeceu.

No dia seguinte acordou tarde. A mãe estranhou aquele sono demorado, mas não muito, porque quem passava os dias no retoiço era natural que uma vez por outra pegasse no sono com vontade. Mas a certa altura Pedro começou aos berros. Como tinha o berro forte, capaz de ir de monte a monte, a mãe ouviu logo. Veio então a

correr muito aflita, sem fazer ideia do que fosse, e perguntou-lhe o que tinha. E ele, que estava fora de si, ou mesmo ainda com sono, disse assim:

- Roubaram-ma! Roubaram-ma!

E a mãe, naturalmente, perguntou o que é que lhe tinham roubado. Mas ele aqui calou-se. A mãe cuidou que seriam restos de sonho e não ligou. Disse só:

- Vê é se tiras o cu do ninho que já são horas.

Mas não tinha sido um sonho, não. O que aconteceu foi que, logo de manhã, assim que acordou, abriu a caixa para ver a estrela e a estrela não estava lá. Ou por outra, estava lá, mas não era a mesma, era assim como uma estrela de lata. E então pensou que lha tinham trocado para pensar qualquer coisa, porque aquilo, realmente, não era coisa que se pensasse. É claro que brilhava um pouco. Mas toda a estrela de lata brilha. O que é, só de dia, quando lhe bate o sol. E mesmo assim, não muito. Que afinal, com sol todas as coisas brilham com o brilho que é do Sol e não dessas coisas. E a estrela brilhava com um brilho só dela. Mas nada disse à mãe do que se passara, porque a mãe com certeza respondia-lhe com uma sova. E muito menos ao pai, que arreava ainda muito duro. De forma que se calou. Passou assim o dia muito quieto e portanto muito triste, porque quando se está alegre a gente mexe-se sempre bastante. A mãe punha-lhe o comer diante e ele mal lhe tocava. Então ela começou a preocupar-se e perguntou:

- Mas que é que tu tens, meu filho? Estarás doente?

Ele, muito sério, disse que não, só com a cabeça.

Já o pai tinha outras ideias. Como o rapaz fora sempre rijo que nem um cabrito, aquilo tinha era feito alguma malhoada que lhe não correria bem. E disse:

- Ou tramaste alguma ou estás para a tramar.

Pedro ficou muito corado, com o sinal à vista de que fizera uma das dele, e pôs-se a comer à pressa para parecer que não.

Mas à noite, quando a mãe o deitou e levou a luz, aconteceu uma coisa extraordinária. A mãe dissera-lhe que dormisse, mas ele não tinha sono. E como não tinha sono, cansado de dar voltas, pôs-se para ali de olhos abertos. Então reparou que de baixo da cama vinha uma luz que se estendia pelo soalho. A princípio assustou-se, mas antes de se assustar muito e de dar algum berro, lembrou-se do que poderia ser. E, com efeito, quando puxou a caixa, que ficara com a tampa mal fechada, e a abriu, a estrela brilhava como quando a fora apanhar. Tirou-a devagar e todo o quarto ficou cheio da sua luz. Esteve assim algum tempo com ela nas mãos até que os olhos lhe começaram a arder com sono e a guardou outra vez na caixa. Mas no dia seguinte, assim que acordou, foi logo ver se ainda lá estava. Ela estava lá, realmente. Mas não deitava luz nenhuma. Apagada, mesmo com alguma ferrugem em certos sítios - para

que queria ele aquilo? Mais bonita era até uma estrela do presépio ou uma estrela dos andores, ou uma feita da prata dos chocolates que às vezes achava na rua. Suara que se fartara, apanhara frio, tivera mesmo a sua ponta de cagaço para aquela porcaria. Que era mesmo uma porcaria. Vezes sem conta foi espreitar a estrela à caixa pelo dia adiante, a ver se ela se resolvia a parecer-se com o que devia ser. Mas nada. Cada vez mais miserável e ferrugenta. Até que à noite se deitou e a mãe veio buscar a luz. Então tirou a caixa de baixo da cama e qual não foi o seu espanto quando viu pelas taliscas uma luzinha a brilhar. Tirou a tampa e foi logo um luar aberto pelo quarto. Ficou muito contente, como é de ver. Mas logo depois ficou triste porque a estrela só tinha luz quando ele tinha sono.

Aconteceu então que no dia seguinte se levantou na aldeia um burburinho que nem quando dois homens discutem à facada. Foi o caso que um velho bastante velho, e que mal se podia já mexer, começou a berrar da varanda coisas que se não percebiam. As pessoas queriam entender, mas a voz do velho esganiçava-se ou saía muito enrodilhada de cuspo ou às vezes, com a estafa, nem mesmo saía. Foi até preciso que o Cigarra, que era um tipo que tocava viola, subisse à varanda, encostasse o ouvido à boca do velho para perceber. E quando percebeu, largou ele também um berro que nem uma trovoadas:

- Roubaram a estrela!

Que estrela? As pessoas que estavam em baixo ficaram parvas a olharem umas para as outras, ver se alguém tinha entendido. Mas ninguém sabia de nada e o Cigarra também não explicava, muito encarnado, muito furioso, com os dois braços no ar.

- Bandidos! - dizia ele. - Ladrões! Há-de-se saber quem foi o filho da mãe que é para malhar ali com o coirão na cadeia!

Pedro, que também lá estava, ouviu a coisa e foi-se raspando. Quando de longe olhou para trás, o Cigarra ainda continuava a falar. Mas desandou, que aquilo estava a aquecer. Conhecia muito bem o velho, que gostava dele e o chamava mesmo às vezes da varanda quando o via passar, para o meter na conversa. Dava-lhe berlindes, aguçara-lhe mesmo ainda há poucos dias o bico do pião para escachar o do Rui que era seu vizinho e lhe rachara o dele de meio a meio. Mas do que Pedro mais gostava era de histórias e o velho sabia muitas. A bem dizer, ele sabia apenas umas três ou quatro; mas Pedro gostava tanto, que se não aborrecia de as ouvir outra vez e era assim como se fossem muitas. Tinha olhos bons, o velho. Um pouco amachucados da velhice, mas bons. E Pedro gostava dele. Ninguém tinha dado conta do roubo a não ser ele, porque as pessoas, como tinham de trabalhar, quando era a altura de as estrelas acordarem, era também a altura de elas estarem a dormir. E

mesmo que não estivessem ainda a dormir, não tinham tempo de reparar nas estrelas, porque tinham de reparar noutras coisas. Mas o velho não podia já trabalhar e também não tinha sono. De maneira que, para ir passando a noite, que levava mais tempo a passar do que o dia, gostava às vezes de se pôr a olhar as estrelas. E foi assim que deu conta do roubo. É claro que ninguém gosta de que lhe limpem o que é seu. Mas, a bem dizer, a vida era tanta, que estrela a mais ou estrela a menos pouca diferença fazia. E o Sr. António Governo, que era muito importante lá na aldeia por ser muito rico e gostava de ser popular até onde, evidentemente, a coisa não metesse chatices, pôs-se logo ao lado da opinião de toda a gente e chegou mesmo a dizer:

- Olha eu agora a ralar-me por causa de uma estrela. O que mais falta são estrelas. Por mim podiam levá-las todas que não perdia o sono.

Mas aqui o Cigarra bateu o pé, que por sinal era bem grande:

- Isso é que não, Senhor Governo. Agora uma estrela. Isso é que não. As estrelas enfeitam; toda a gente sabe que enfeitam. E roubarem logo a mais bonita. Podiam roubar outra, uma, digamos, de segunda, já mais gasta. Mas não senhor, logo a melhor. Isto não pode ficar assim.

E tais coisas disse o Cigarra, e tão arreliado, que muita gente, pouco a pouco, começou a pôr-se ao lado dele. Porque uma arreliada assim tinha de ter alguma razão. A mãe do Pedro, a bem dizer, tanto se lhe dava como se lhe deu que tivessem levado a estrela. À primeira, porque havia muitas e queixar-se alguém assim era como se se queixasse de lhe roubarem uma azeitona. A segunda, porque só as olhava no Verão, quando vinha para a porta a tomar um pouco de ar. Ou nem as olhava, já tinha visto, não era preciso ver outra vez. Quanto ao pai até se ria - estaria tudo maluco? Tinham roubado a mula ao Roda Vinte e Seis, tinham roubado a galinha ao Pingo de Cera que só tinha uma e andava sempre à coca a ver quando ela punha o ovo, tinham roubado um caldeiro de bosta de boi à Raque-Traque que a andara a apanhar pelas ruas uma semana inteira para estrumar as couves - e ninguém fizera assim um banzé. Mas como não gramava o Governo por ter muita proa e sobretudo razão para a ter, e como por outro lado devia favores ao velho que até fora padrinho da mãe, lá ia perguntando também quem teria sido o sacana que empalmara a estrela. Como durante a ceia volta não volta as conversas iam dar sempre ao mesmo, o Pedro fazia que não ouvia, muito encavacado, comendo depressa para se raspar logo para a cama. Mas nem tocava na caixa, que se o pai ou a mãe descobrisse, estava cosido. Até que o roubo foi esquecendo como tudo tem de esquecer para se lembrarem outras coisas. E quando isso aconteceu, voltou a abrir a caixa, mas só por um bocadinho, não fosse o diabo tecê-las.

Ora certa noite, e já depois de se ter deitado, a mãe lembrou-se de que se calhar não tinha deixado o lume bem acondicionado para não pegar fogo. Naturalmente não o apagava de todo para não ter de ir pedi-lo à vizinha, a Pitapota, que fazia sempre um escarcéu medonho como se lhe estivesse a pedir a alma. Eis senão quando, ao passar ao quarto do filho, viu por debaixo da porta uma risca de luz. Ficou arreliadíssima, como é de ver, com medo de que o filho deitasse fogo à casa. Mas nem tugiou. Queria era apanhá-lo com a boca na botija e mesmo descobrir como é que ele tinha feito lume. Abriu, pois, só uma talisca da porta e espreitou. E então ficou de boca aberta: sentado na cama, o filho tinha a estrela nas mãos. A cara estava toda alumiada, e as mãos era como se tivessem lume por dentro. A mãe nem queria acreditar. Mas depois de se ter admirado, foi-se a ele numa fúria e deitou-lhe a mão à estrela. Mas aqui deu um grito tão alto que o pai acordou. Veio a correr ao quarto do filho e quando chegou já estavam a chorar os dois. Pedro chorava não sabia porquê nem sabia que não sabia, porque ninguém lhe tinha ainda perguntado. Mas a mãe sabia. A mãe tinha gritado, porque ficara com a mão toda queimada. Atirara logo a estrela, ela caíra no chão. Mas não se tinha partido e alumiava o quarto todo. A mãe continuava a gritar, talvez um pouco mais do que era preciso, segurando a mão queimada com a outra. Até que o pai deu um berro para acabar com aquele chinfrim, que podia acudir a vizinhança. E disse apenas:

- Põe-lhe vinagre. Ata a mão com sal. E quanto a nós, amanhã falamos.

Mas no outro dia quem falou foi a freguesia inteira.

E a primeira coisa que disse foi que era indecente quererem fazer pouco das pessoas. Porque toda a gente via que a estrela não era aquela. Chamou-se mesmo o latoeiro para dar uma opinião e ele também disse. Não era bem de lata mas de outra coisa esquisita que ele sabia. Agora uma estrela, o que se chamasse uma estrela, toda a gente via que não. E brincar com o parceiro, só no Entrudo. E logo toda a gente que ainda não tinha descoberto que brincar com um parceiro só no Entrudo, começou também a dizer que brincar com um parceiro só no Entrudo. Então Pedro, já assustado e a choramingar, explicou:

- Só à noite é que é! Só à noite.

E só à noite é que foi. O Governo, que era homem de leituras, chegou mesmo a explicar com paciência àqueles brutos que as estrelas, evidentemente, só à noite é que era. Mesmo só à meia-noite é que se podia saber o sítio daquela. De modo que à meia-noite juntou-se a aldeia no adro. E como o António Governo gostava de dar bons exemplos, chamou o filho para ser um homem e ir ele próprio em pessoa pôr a estrela no seu lugar. E o filho chamou o Pananão, que lhe cultivava umas sortes, para ir buscar duas escadas à loja. Pedro tinha a estrela nas mãos, o Pananão foi buscar as

escadas. Quando voltou com elas, uma em cada ombro, o filho do Governo, ou porque não acreditasse nessa história da queimadura, ou porque se esquecera já dessa história, ou porque estava com pressa de ser homem, deitou a mão à estrela. Mas logo largou um urro, enquanto largava também a estrela, porque aquilo queimava que nem o fogo do inferno. Pedro apanhou logo a estrela a ver se se tinha partido. Foi quando o pai dele se adiantou com um braço no ar a pedir silêncio a toda a gente. E toda a gente lhe deu o silêncio que ele pedia. Então ele disse:

- O meu filho é que tirou a estrela, o meu filho é que a deve lá ir pôr.

Toda a aldeia achou bem. Que aquilo é que era um pai. Que aquilo é que sim. Pedro ia ouvindo tudo sem ter opiniões, que também lhe não pediam. E muito calmo, com a estrela nas mãos, meteu pela porta da torre. As pessoas esperaram algum tempo que ele aparecesse lá no alto da torre. E ele apareceu finalmente, a estrela brilhando ainda mais entre os sinos como se houvesse lá uma fogueira. As escadas do Governo estavam já encostadas no seu lugar para uma subida mais fácil. Mas Pedro, quando toda a gente supunha que ele ia meter por elas, desapareceu pela escadinha interior que ia dar à de ferro que ficava de fora. O pai ainda lhe berrou cá de baixo:

- Agarra-te às escadas! Não vás por aí! Sobe pelas escadas!

Mas ele nem olhou e logo desapareceu. Em baixo, todos esperavam em silêncio. E ele voltou enfim a aparecer com a estrela entalada na cintura e que mesmo assim iluminava todo o largo. Muito ligeiro, subiu até ao varão de ferro. Mas faltava subir até ao galo e aos quatro pontos cardeais. O pai fazia força cá de baixo, toda a gente ia empurrando também, menos a mãe que nem queria ver e tapava mesmo os olhos, lembrando apenas aos santos das suas relações que era a altura de fazerem alguma coisa. E eles fizeram. Pedro, com efeito, rapidamente trepava pelo varão de ferro até ao galo e se encavalitava por cima do Norte-Sul-Este-Oeste. E, devagar, tirou a estrela do cinto. Era linda, brilhava no ar. E então, com jeito, segurando-a na mão, pô-la outra vez no seu lugar. Toda a gente estava a rebentar, sem poder dizer nada. De modo que, ao verem a estrela finalmente no seu sítio, largaram todos o «ah» que competia mas que saiu como um urro, com a força toda que tinham entalada na garganta. Nem mesmo repararam que assim que foi posta no seu lugar, a estrela começou logo a brilhar menos, embora brilhasse muito. E ou fosse porque o «ah» teve força a mais e o assustou ou porque não fincou bem os pés no varão de ferro, Pedro escorregou por ele abaixo até à bola de pedra. E então desequilibrou-se, e, de braços abertos, veio pelo ar estampar-se cá embaixo contra as pedras do adro.

Toda a gente chorou a sua morte. E o Cigarra, que andou de luto um ano inteiro, fez mesmo uns versos sobre ele para os cantar depois à viola. Já passaram muitos anos e ainda hoje se cantam. A estrela ainda lá está. Toda a gente a conhece.

HAVIA SOL NA PRAÇA

E era assim todas as manhãs. Eu subia a rua para a repartição ele descia-a para a vadiagem. Vinha com as suas grandes barbas numa caranguejola a quatro rodas, puxada por um jerico. Era velho o jerico, devia ser da idade dele, com placas lazarentas a surrarem-lhe o pêlo. E a caranguejola era uma espécie de jangada com várias pranchas pregadas umas às outras. Mas como era aí que ele vivia, em cima dela cabia tudo: manta para dormir, vários trastes de cozinha e às vezes roupa, como galhardetes de um navio, suspensa de um fio a secar. A proa, sentado no traseiro, viajava um cão a gozar a paisagem. E sentado no meio a tocar realejo, viajava ele. Na cidade e redondezas toda a gente o estimava muito. E como resolvera em quatro pranchas o problema da habitação e transportes, também toda a gente o admirava. Os garotos faziam-lhe uma festa quando ele aparecia com a viatura a tocar realejo:

- Eh, Fadista!

Fadista propriamente era o nome do cão. Mas como constituíam uma família e a vida do homem podia cantar-se no fado, o nome de Fadista ficou para ele. A garotada seguia-lhe a caranguejola a bater palmas, mas o homem nem ouvia. Só a polícia embirrava com ele porque, além de perturbar o trânsito, tinha a mania de parar às vezes em certo sítio da praça para catar o piolho. Podia catá-lo noutra lado. Não catava - era ali. Chegava mesmo a despir a camisa para uma pesquisa mais conscienciosa, menos sujeita à contingência da simples apalpação. E, certo dia, levado no entusiasmo da busca, acabou por desapertar outras peças de roupa que já não eram de desapertar. As senhoras que passavam, passavam de olhos no chão ou bastante no ar para não olharem para ele depois de terem olhado. E como ele não sabia que as partes do corpo que se podem mostrar não eram todas as que ele mostrava, a polícia deitou-lhe a mão e levou-o ao posto para o esclarecer.

Teve-o lá um dia e uma noite. Mas o cão fazia um alarido infernal, e havia ainda o burro, de modo que, passada a noite e o dia, soltaram-no outra vez. E um dia que eu subia a rua para a repartição, descia-a ele outra vez para a vadiagem. Até que, depois de fazer a sua ronda por longe, voltou de novo a estabelecer-se na praça. Gostava de certo sítio onde batia o sol, sobretudo no tempo frio, parava o burro e estava ali. Como a caça ao piolho o levava à cadeia, já não caçava. Gostava era daquele sítio batido do sol e de ver a gente a passar. As vezes, quando chegava, atravancando quase toda a rua, os carros buzonavam à volta dele com uma fúria de canzoada, mas ele nem ouvia. Travava o burro, o cão à proa sentado no traseiro, ficavam os três ali, parados ao sol. De modo que as forças vivas da cidade, para clarearem um pouco o aspecto da praça e praticarem a justiça social, meteram-no no

as!!? A caranguejola ficou encostada ao alto, no pátio, talvez para ser queimada por altura de mais frio, o cão andava aos ossos pela cozinha e o burro ajudava as carroças que por lá havia. Fadista estava outro, lavado à agulheta, tosquiado, metido numa farda grande de asilado. De uma vez que passei ao pé, lá o vi ao alto no muro, sentado ao sol com os colegas. Tinha um capote castanho com uma gola que lhe subia até ao queixo e um barrete de pala na cabeça.

- Eh, Fadista!

Ele rodou a cabeça devagar, fez-me um gesto brusco com o queixo como a mandar-me aonde não devia. Depois, como havia sempre outras coisas para lembrar, acabei por esquecê-lo. Até que um dia, subia eu a rua para a repartição, descia-a ele outra vez na caranguejola.

Foi o director do asilo que nos contou. Certa madrugada, apanhou o burro e o cão, endireitou a jangada e partiu. Foi passado ainda um mandado de busca ou de captura. Mas como o não encontraram e havia sempre outras coisas para buscar, também o esqueceram. Quando tempo depois voltou a aparecer, na praça, como havia muita coisa burocrática a pôr em andamento, largaram-no de mão. Assim Fadista se estabeleceu de novo na ordem da vida e voltou à praça outra vez. Os motoristas buznavam à volta dele, diziam-lhe à passagem muitas ordinarices, ele nem ouvia. De modo que, muito tempo antes de ele tirar a camisa, já toda a gente voltava a escandalizar-se. E foi assim que, para aclarar a limpeza da praça e pôr em acção a justiça social, empalmaram-no outra vez e meteram-no outra vez no asilo. Um dia que eu passava cá embaixo do muro, lá o vi ao alto, sentado com uma farda nova entre os colegas. Por um impulso irresistível de solidariedade humana e porque já me fazia falta a sua passagem na rua, parei e disse-lhe lá para cima:

- Eh, Fadista!

Ele rodou o pescoço, olhou-me algum tempo cá embaixo e fez-me um gesto brusco com o queixo como a mandar-me aonde não achei bem que mandasse. Mas desta vez, como nos explicou no café o director do asilo, escavacaram-lhe a caranguejola e desfizeram-se para longe do burro e do cão para ele se não tentar outra vez. A cidade acabara por se interessar pelo vagabundo. Mas escavacado o seu meio de locomoção e havendo sempre coisas novas para lembrar, acabou outra vez por esquecê-lo. Eu, como tinha também sempre coisas novas a lembrar, acabei também outra vez por esquecê-lo.

Até que alguns meses depois, subia eu a rua para a repartição, descia-a ele de novo para a vadiagem. Vinha já de barbas numa caranguejola nova a quatro rodas, puxada por um jerico. Era um jerico muito velho, já com certa relutância em puxar,

cheio de placas lazarentas no lombo surrado. A um impulso irresistível de simpatia humana, saudei-o com entusiasmo:

- Eh, Fadista!

Ele sentava-se no meio da jangada cheia de trastes velhos de cozinha tocando gaita-de-beiços, com roupa como galhardetes suspensa de um fio a secar. E postado à proa, sentado no traseiro, viajava um cão a gozar a paisagem. E pouco tempo depois estava outra vez na praça. Estava frio e havia lá um sítio onde batia o sol. Os motoristas deram urros quando o viram, porque a caranguejola era larga e atravancava o trânsito. Guinavam bruscamente com o volante para se desviarem dele e à passagem diziam-lhe tudo. Mas ele nem ouvia entretido a caçar o piolho. Chegou mesmo a abrir a camisa para uma busca mais meticulosa, e certa vez, largado no entusiasmo, foi descendo na procura até a sítios onde já não devia procurar. As forças progressivas da cidade puseram-se outra vez em andamento, mas teve de se esperar algum tempo para acertar a burocracia. Até que tudo se acertou, e um dia que ele passava na praça e nem sequer ficara ao sol, a polícia deitou-lhe a mão e todo o progresso da cidade rejubilou. Certa vez que eu passava cá em baixo do muro, lá o vi outra vez, sentado no parapeito, já metido no capote do fardamento, ao pé dos outros colegas. Por um impulso expansivo de calor humano gritei-lhe cá de baixo:

- Eh, Fadista!

Mas ele, dessa vez, nem me olhou. Tinha o queixo enterrado na gola do capote e assim ficou. Um pouco vexado de me não ligar importância, ao menos para me mandar aonde tinha o mau hábito de me mandar, voltei a berrar-lhe com mais força:

- Eh, Fadista!

As pessoas que passavam olhavam acima e abaixo a medirem-nos aos dois, sorriam e desandavam. E os colegas, desejosos de colaborar, olhavam-me também e tocavam-lhe com o cotovelo. Mas ele, embezerrado, não se mexeu. E um dia que eu voltei a passar ao muro, não o vi lá. Olhei de novo, não o vi lá. E outro dia que voltei a passar, também o não vi. E como a vida tem sempre coisas novas para pensarmos, deixei de pensar nele.

Até que um dia o director do asilo se veio sentar de novo à nossa mesa de café. Era um tipo muito alto e muito progressivo. Acomodou-se à mesa e, como o clube da terra tinha perdido, falou de futebol. Depois, como era muito progressivo e tinha um convívio diário com a justiça social, falou de justiça social. E então bruscamente lembrei-me do Fadista. Que era feito dele? Quando é que ele voltava a aparecer com a caranguejola? O homem, que era muito abonado em ironia, disse-me que de caranguejola? O Fadista? Só se fosse no Paraíso.

- Morreu - clamei eu, iluminado de evidência.

- Mas diga-me o meu amigo o que é que a gente havia de fazer. Nós a querer fazer-lhe bem, ele a teimar. A gente a lavá-lo, ele a encher-se de bicharia. A gente a querer a limpeza da cidade, ele a dizer que não. Foi assim.

- E morreu.

- A gente a querer o bem dele, ele a estragar.

- E matou-se. Enforcou-se.

- A gente a querer corrigir as injustiças sociais, ele a tramar-nos a vida. E desculpem que tenho agora uma reunião.

- E enforcou-se.

- Tenho agora uma reunião.

Levantou-se, tinha agora uma reunião. Estava um dia bonito. Havia sol na praça.